

Transformações Demográficas e o Processo de Envelhecimento da População Sergipana

N. S. Meneses

Departamento de Geografia, Universidade Federal de Sergipe, 49100-000, São Cristóvão-Se, Brasil

nmeneses@bol.com.br

(Recebido em 15 de dezembro de 2010; aceito em 12 de janeiro de 2012)

A década de 1970 serve como referencial para muitas transformações demográficas em Sergipe, desde a urbanização crescente e a redução da fecundidade, até mudanças na composição por idade, que desembocam num processo relativo de envelhecimento da população. No escopo desta temática e na tentativa de melhor compreender esta realidade, o objetivo inicial deste trabalho é verificar como as transformações demográficas em Sergipe resultam em um processo de envelhecimento relativo de sua população e que características e tendências apresenta o processo.

Palavras-chave: população; envelhecimento; transformações demográficas; Sergipe

The decade of 1970 serves as reference for many demographic transformations in Sergipe, since the increasing urbanization and the reduction of the fertility until changes in the composition for age, that discharge in a relative process of aging of the population. The work is an approach to the subject, an attempt of better understanding this reality. For in such a way the initial objective it is to verify as the demographic transformations in Sergipe result in a process of relative aging of its population and that characteristic and trends present the process.

keywords: population; aging; demographic transformations; Sergipe

1. INTRODUÇÃO

De modo geral, o Brasil passa por uma fase de envelhecimento da sua população. Com base nas estatísticas censitárias, principalmente a partir dos anos 90, observa-se que o grupo da chamada “terceira idade” tem ganhado cada vez mais importância e tem sido alvo de preocupações, tanto nas esferas governamentais – a partir da elaboração de leis específicas e políticas públicas de assistência ao idoso –, como também na sociedade, que por meio de ações de Ongs, levando a uma mudança ainda incipiente, mas já sentida, que vem a modificar a visão que se tem do idoso.

Em Sergipe não é diferente, pois a população de 60 anos e mais vem crescendo numa proporção semelhante a do país, ainda que mais lentamente. A população de idosos em Sergipe representava, no último censo do IBGE (2000), 7,4 % do conjunto da população do Estado, enquanto a população de idosos do país representava cerca 8,7 % do conjunto total de população. Os últimos dados do IBGE (2007) apontam um percentual de população idosa para o Estado de 8,3 % e para o Brasil os dados do PNAD (2006), 10,2%.¹ No Estado também já existem algumas ações do poder público e da sociedade voltadas para esse grupo populacional, tais como: grupos de convivência, o disque idoso e programas de ações e pesquisa universitária a exemplo do NUPATI/UFS.²

Esse contexto nos indica o quanto tem se tornado relevante a questão do idoso. E, além disso, indica o quanto ainda se faz necessário aprofundar os estudos sobre esse grupo populacional, pois à medida que se identifica e se analisa com mais detalhe o quadro do envelhecimento da

¹ Os dados da contagem populacional (IBGE 2007) de população residente por grupo de idades para o país ainda não foram disponibilizados, por isso utilizamos para os últimos dados do PNAD 2006.

² NUPATI/UFS – Núcleo de Pesquisas e Ações para Terceira Idade da Universidade Federal de Sergipe.

população, são gerados maiores subsídios para implementação de ações direcionadas a essa camada da população, que envolve situações específicas e complexas.

Sabe-se que essas situações estão ligadas, por exemplo, a questões de previdência e aposentadoria, ao aumento da população inativa, às necessidades de maiores investimentos na área da saúde, e às dificuldades de convivência e aceitação social, entre outros.

Em nível estadual, há poucos trabalhos de pesquisa desenvolvidos especificamente levando em consideração uma análise geodemográfica do quadro do envelhecimento populacional em Sergipe. Assim, o presente trabalho é uma tentativa de aproximação ao tema do incipiente processo de envelhecimento populacional em Sergipe e pretende contribuir para a melhor compreensão desta realidade.

Certa polêmica que tem se estabelecido em estudos sobre o envelhecimento populacional diz respeito ao critério da idade limite para se estudar o grupo de idosos. A polêmica ocorre não só pelo grau de subjetividade que abrange a definição, como pelas diferenças culturais e demográficas (expectativa de vida) entre os países. Todavia, a idade de 60 anos vem sendo indicada pela Organização Mundial de Saúde e pelas Nações Unidas como “corte” para definir os idosos e vem sendo utilizada pela maioria dos países do terceiro mundo nos estudos sobre essa população. Desse modo, este estudo considera a idade de 60 anos e mais como parâmetro para analisar o quadro de envelhecimento da população sergipana. A divisão da população em três grandes grupos etários – 0-14 anos (jovens), 15-59 anos (adultos) e 60 anos e mais (idosos) – tem a vantagem de separar com clareza os dois grandes grupos populacionais mais dependentes da seguridade social, ou seja, as crianças (jovens) e os idosos.

Para implementação desta análise, levam-se em consideração os dados, principalmente, dos censos demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000 e últimos dados da contagem populacional de 2007, com a finalidade de se verificar as transformações demográficas pelas quais vem passando o Estado de Sergipe e as implicações dessas transformações em especial ao processo de envelhecimento de sua população.

A análise se centrará na evolução da população, considerando o crescimento da população relacionado aos dados de fecundidade, esperança de vida, migração, composição por idade e sexo e o processo de urbanização. Com isto, espera-se poder traçar um perfil dessa evolução populacional, verificando suas tendências e como se caracteriza o seu relativo processo de envelhecimento. Por fim, nas considerações finais do trabalho, são tecidos comentários acerca das implicações do processo relativo de envelhecimento da população sergipana no que diz respeito ao desafio que apresentam em termos de políticas públicas.

2. A EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO SERGIPANA

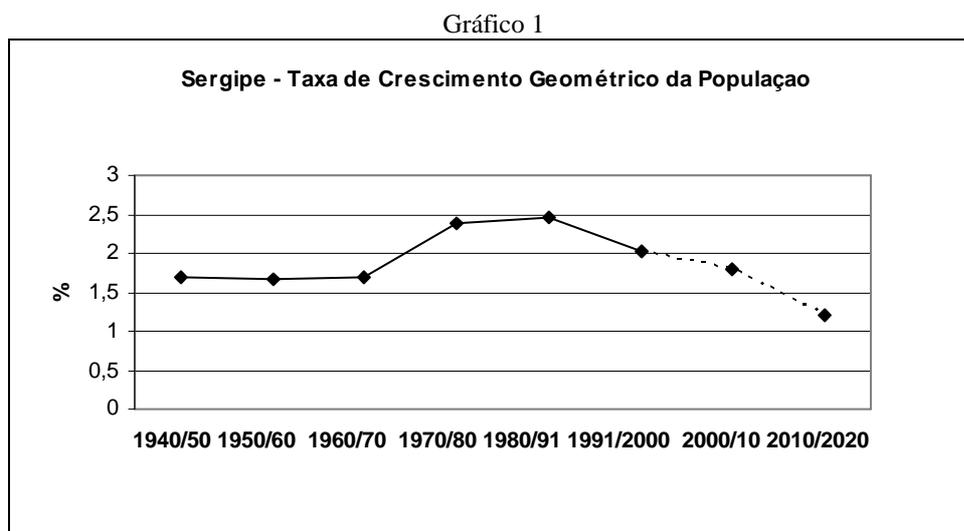
Podem-se identificar, a partir dos anos 70, quatro características principais relativas às transformações demográficas em Sergipe: 1) redução no ritmo do crescimento populacional; 2) mudanças nos fluxos migratórios; 3) contínuo processo de urbanização; e 4) início do processo de envelhecimento relativo de sua população. Estas características estão inter-relacionadas, tanto com a evolução do contexto sócio-econômico e cultural, como com as variáveis demográficas, que nos apontam uma transição demográfica que nos permitem indicar algumas tendências demográficas futuras.

2.1 O crescimento populacional

Em termos absolutos, o crescimento populacional no Estado segue sendo significativo; porém, quando nos referimos a dados relativos, observa-se que Sergipe apresenta uma tendência futura de redução do ritmo de crescimento de sua população. Entre 1940 e 1970, houve um incremento absoluto de 368.925 habitantes, o que significou um crescimento relativo da ordem de 68,02%; já no período entre 1970 e 2000, houve um incremento absoluto de 873.224, com

incremento relativo de 95,8%. Entretanto, a projeção³ para o período 2000-2030 supõe um crescimento absoluto de 834.550 e um crescimento relativo mais reduzido, se comparado aos períodos anteriores, de 46,7%.

Quando utilizamos como parâmetro a taxa de crescimento geométrico da população, observamos que a tendência de redução do ritmo de crescimento populacional em Sergipe começa nos anos 90, que é quando se inicia uma terceira fase da transição demográfica no Estado, com taxas de fecundidades mais reduzidas e ainda em queda e de mortalidade já baixa. Então, a partir deste período, se observa uma redução no ritmo de crescimento populacional, que deve prosseguir para décadas posteriores, como nos indica o gráfico 1 abaixo.



Fonte: FIBGE – Censos Demográficos – 1940/2000. Para o período 2000/2020 os dados são da FIBGE - Projeção populacional para o Brasil por sexo e idade, 1980-2050. Revisão 2004. Elaboração própria.

Essa redução no ritmo de crescimento populacional decorre de taxas líquidas migratórias, em geral negativas, e da queda da fecundidade, que está relacionada ao aumento da escolaridade da mulher, maior participação feminina no mercado de trabalho, maior acesso a métodos contraceptivos, aumento no custo de criação dos filhos e mudança de valores culturais em relação ao número de filhos. O processo de queda nas taxas de fecundidade ocorre a partir dos anos 1970, embora somente nos anos 90 afete mais significativamente o ritmo de crescimento populacional do Estado. Vale salientar, também, que essa redução da fecundidade ocorre em paralelo no contexto regional e do país, conforme se pode observar na tabela 1 abaixo.

Tabela 1
Índice de fecundidade

Anos	Índice de fecundidade			
	Brasil	Nordeste	Sergipe	Aracaju
1970	5,76	7,53	7,87	5,40
1980	4,35	6,13	6,03	4,66
1991	2,85	3,70	3,78	2,44
2000	2,2	2,63	2,74	2,00
2007	1,95	2,29	2,08	1,90

Fonte: FIBGE – Censos Demográficos e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD 2007.

³ UNFPA/IBGE – **Indicadores Sociodemográficos: Prospectivos para o Brasil 1991 -2030**. Projeto UNFPA/BRASIL (BRA/02/P02). Arbeit Editora e Comunicação Ltda. Rio de Janeiro, 2006.

Neste período, porém, também chama a atenção o fato de que as taxas em Sergipe apresentam-se sempre maiores do que a média regional e do país. Isso contribui para que, nos anos analisados, cresça a participação proporcional da população sergipana na região e no país. Ainda que os valores não sejam tão significativos, o constante aumento da participação proporcional da população neste período aponta tanto um ritmo mais lento na redução da fecundidade no estado, como também sugere mudanças nos fluxos migratório dos sergipanos, a partir dos anos 70.

2.2 A migração

Quando observamos as cifras da migração em Sergipe verificamos que, a partir dos anos 70, ocorre uma mudança no volume migratório, bem como uma variação na direção dos fluxos. Se antes, principalmente entre os anos 50 e 70, houve uma forte corrente migratória, sobretudo para a região sudeste, a partir dos anos 70, começa uma redução nesse processo, com amigração mais direcionada às zonas urbanas do próprio Estado. Os dados da tabela 2 abaixo apontam uma redução da taxa líquida de migração de 1970 até a década de 80, quando apresenta-se positiva. Nos anos 90, a taxa volta a ser negativa, embora com valor pouco significativo, e, a partir de 2000 até 2030, segundo as projeções, a taxa líquida de migração tende a apresentar uma redução menor, com tendência ao equilíbrio do saldo migratório, já que as taxas apresentam valores negativos muito reduzidos.

Tabela 2

Taxa de migração líquida por mil	
ANOS	SERGIPE
1960/1970	-14,4
1970/1980	-2,4
1980/1991	4,8
1991/2000**	-0,67
2000/2010**	-0,52
2010/2020**	-0,42
2020/2030**	-0,35

Fonte: 1960/70/80/91- MOURA, & SANTOS (1986). 1980/91 baseado em estimações. *Elaboração própria, os cálculos estão baseados na média das projeções para o período apresentadas no documento UNFPA/IBGE, (2006).

Essa desaceleração dos fluxos migratórios junto com a redução mais lenta da fecundidade permitem explicar o maior crescimento populacional do Estado. Vários são os motivos que nos ajudam a entender essa redução das taxas líquidas de migração em Sergipe; ainda que a complexidade do fenômeno o torne de difícil explicação, há alguns fatores que podemos associar a esse processo. Em primeiro lugar, é importante destacar que os anos 70 marcam o início de um processo de industrialização no Estado, como observa (FEITOSA 2006, p.347).

[...] a partir dos anos 1970, Sergipe passou a experimentar significativas transformações socioeconômicas e espaciais, com queda progressiva da agricultura como principal atividade do Estado e o crescimento da participação do setor industrial na composição do Produto Interno Bruto (PIB) [...], que, além de representar mudanças na sua especialização produtiva, implicou também alterações das feições urbanas.

Até os anos 70, a agricultura foi o principal motor econômico do Estado; neste momento prevalecia um sistema agrário pouco modernizado e a indústria, ainda incipiente, estava

concentrada em alguns poucos municípios, a exemplo de Aracaju (capital) e Estância. Entretanto, na década de 70, começa um processo de modernização da economia sergipana, estimulado pela política industrial da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) e pelos efeitos da chegada da PETROBRAS ao Estado, que, embora tenha chegado a Sergipe na década de 60, só na década de 70, quando transfere sua sede administrativa regional para Aracaju, que se sentem os seus efeitos na economia do Estado, já que diante da magnitude das reservas de petróleo, realiza importantes investimentos em Sergipe. Além disso, nesse momento também se inicia um processo de modernização da agricultura sergipana, com projetos de irrigação e estímulo à produção de frutas com as recém-chegadas agroindústrias de exportação de suco concentrado. Tudo isto resulta em um processo de urbanização crescente e contribui para redirecionar os fluxos migratórios para áreas urbanas do próprio Estado, especialmente para a capital Aracaju, município que recebe o maior número de migrantes.

Ademais, o início do processo de industrialização e urbanização contribui também para a redução do saldo migratório do Estado e a redução da demanda de migrantes na região sudeste, como nos informa Cunha (2003, p.221):

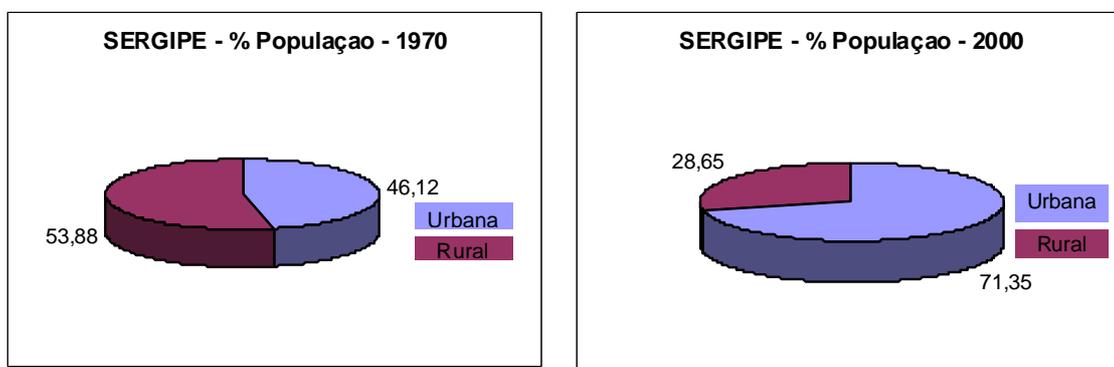
De fato, tendo em vista a inequívoca redução das alternativas nas áreas de fronteira agrícola, bem como os impactos da crise econômica dos anos 80 e o processo de reestruturação produtiva sobre o aparato industrial, especialmente do Estado de São Paulo, era de se esperar uma redução dos movimentos populacionais interestaduais.

Outro fator a se considerar é a redução da fecundidade, que promove uma diminuição do crescimento vegetativo e reduz o número de migrantes em potencial. A redução da fecundidade, por sua vez, também está relacionada à migração do período anterior, isto é, os filhos que os migrantes deixaram de ter em Sergipe também explicam a redução da fecundidade. Haveria, ainda, outros detalhes relativos ao processo migratório em Sergipe, porém, devido às limitações de espaço deste texto, e não sendo este trabalho específico sobre migração, não iremos analisá-los aqui.

2.3 A urbanização

A terceira grande transformação que caracteriza a população sergipana a partir dos anos 70 é a mudança na distribuição espacial da população, decorrente de um contínuo processo de urbanização. Entre 1970 e 2000, Sergipe transformou-se de uma população majoritariamente rural para uma população predominantemente urbana, como se pode observar no gráfico 2 abaixo.

Gráfico 2



Fonte: FIBGE – Censos Demográficos. Elaboração própria.

O processo de urbanização em Sergipe é semelhante ao processo regional, posto que o nordeste apresentava, para 2000, um percentual 69,07%, mais lento que a média brasileira: 81,2% de taxa de urbanização no mesmo período. Já o resultado da contagem populacional 2007 aponta um percentual de urbanização de 72,3% para Sergipe, o que sugere uma desaceleração do processo nesta última década. Supõe-se que os movimentos sociais de luta pela terra, que têm conseguido assentar muitas famílias no campo, a saturação dos grandes centros de atração urbanos e a redução do excedente populacional devido à queda na fecundidade, possam estar associados a este contexto de desaceleração. Entretanto, o período de apenas sete anos não permite chegar a conclusões mais seguras com relação a uma tendência que pode se confirmar ou não. Ademais, essas suposições necessitariam de ser confirmadas com um estudo mais detalhado. Os dados disponíveis para a região e o país são dados da PNAD (2006) 71,5 % e 83,3%, respectivamente, de taxa de urbanização indicam que a situação de semelhança do processo no Estado com relação à região se mantém, assim como a maior lentidão em relação ao país.

A partir do processo de urbanização contínuo entre 1970 e 2000, outra característica que marca o processo de urbanização em Sergipe é a concentração territorial da população. Segundo dados do censo 2000 (IBGE), 56,2% da população urbana sergipana vive em apenas 5 cidades (Aracaju, Nossa Senhora do Socorro, São Cristóvão, Itabaiana e Estância) com mais de 50 mil habitantes, que representam apenas 5,3% do total de cidades do Estado. Três destas cidades (Aracaju, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão), junto com o município da Barra dos Coqueiros, formam a chamada “grande Aracaju”, que concentra em seu entorno atualmente (2007) 39,2 % da população. Ocorre também concentração em termos de população total, já que em somente 6 municípios, com mais de 50 mil habitantes do Estado (Aracaju, Nossa Senhora do Socorro, Lagarto, Itabaiana, São Cristóvão e Estância), concentra-se mais da metade da população, 50,3%, segundo dados da contagem populacional de 2007. Comparado com os dados da década de 70, em que 39,6% da população vivia nos 6 municípios mais populosos, verifica-se que o processo de urbanização tem levado a uma concentração territorial da população, tanto em termos de população total, quanto em termos de população urbana.

A urbanização e a concentração da maioria da população em poucas cidades, entre outros fatores, têm contribuído com o processo de redução das taxas de fecundidade e das taxas de mortalidade (em especial da mortalidade infantil) no Estado. Como é sabido, isto se deve ao maior acesso que a população tem nas cidades às políticas de atenção à saúde e à educação e também ao maior custo de criação dos filhos. Assim, o processo de urbanização em Sergipe vem acompanhado de uma transformação na sua dinâmica demográfica, que vai resultar em mudanças na estrutura etária da população e que dão início a um processo de envelhecimento relativo de sua população.

2.4 Transformações na estrutura etária e o processo de envelhecimento

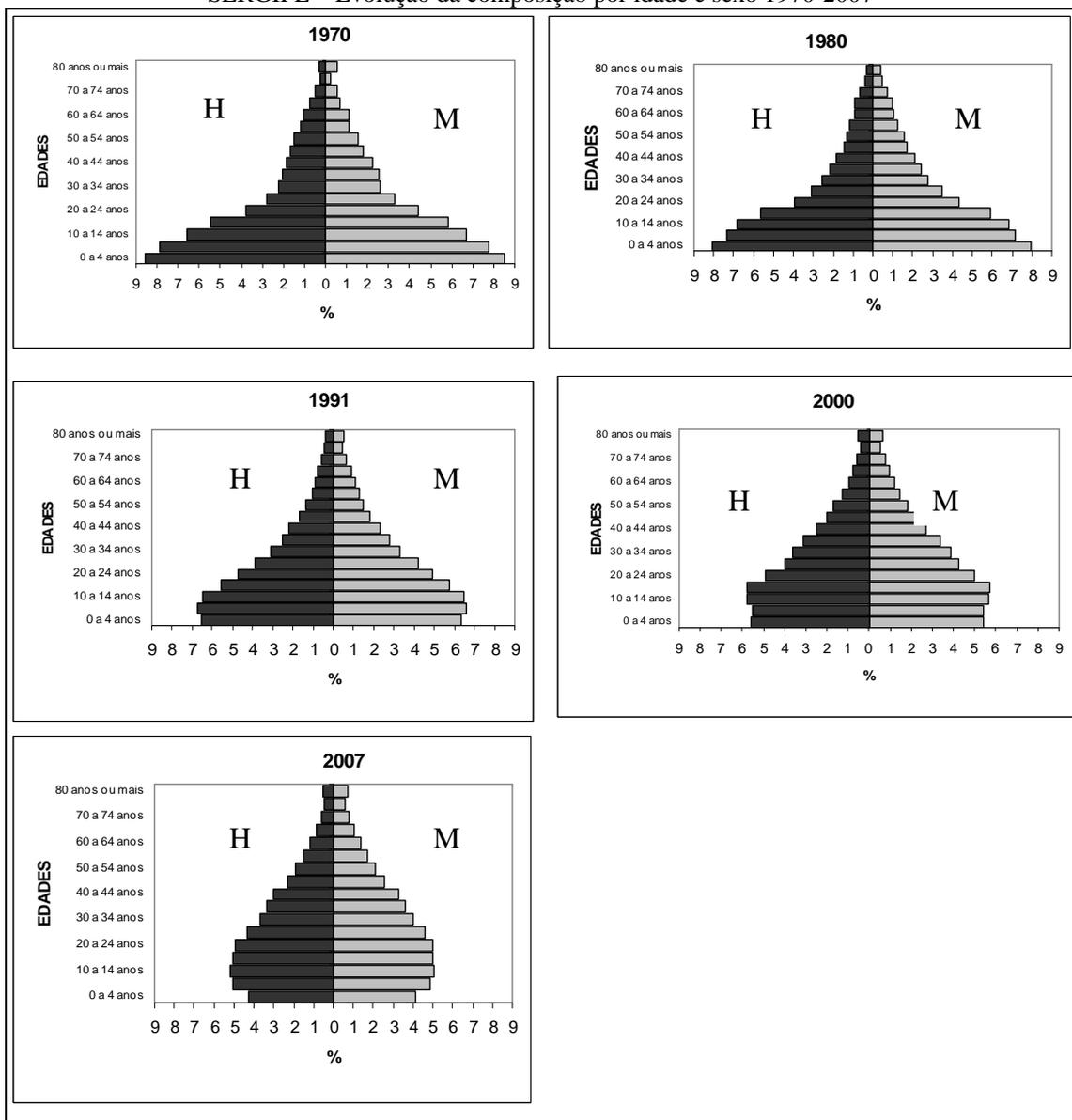
A quarta característica que marca as transformações demográficas a partir de 1970 em Sergipe é o início do processo relativo de envelhecimento de sua população, comprovado pelas mudanças em termos da composição etária. A composição por idades da população reflete fatores e fatos passados e configura a potencialidade do presente na direção a mudanças que previsivelmente irão se produzir na estrutura etária da população. Desse modo, o exame da situação atual e de como está evoluindo permite conhecer melhor desafios futuros, planejar medidas mais convenientes para corrigir os desequilíbrios e compreender determinadas demandas de certos grupos populacionais.

Uma das maneiras utilizadas de demonstrar e avaliar as transformações na estrutura etária da população se dá através das pirâmides etárias, que permitem fazer comparações da distribuição por sexo e idade, além de possibilitar avaliar as variações registradas ao longo do tempo.

Pode-se observar através do gráfico 3 que, até a década de 80, as mudanças na estrutura de idades são suaves; porém, a partir dos anos 90, essas mudanças são mais significativas, com a diminuição das novas gerações devido à redução crescente da fecundidade desde os anos 70,

culminando sua redução maior a partir dos anos 80. Estas transformações conduzem a um processo de envelhecimento relativo da população pela base, processo próprio dos países em desenvolvimento.

Gráfico 3
SERGIPE – Evolução da composição por idade e sexo 1970-2007



Fonte: FIBGE: Censos Demográficos 1970/2000 e Contagem Populacional 2007. Elaboração própria.

De fato, é só partir de 1991 que se nota um ligeiro estreitamento da base da pirâmide e, segundo as projeções da fecundidade, tudo parece indicar que a tendência de redução continuará. O resultado é uma diminuição na participação proporcional do grupo de jovens na população total, o que vai contribuir para uma aceleração do processo de envelhecimento relativo da população, salvo mudanças no fator migratório que alterem essa tendência, o que também não é apontado pelas projeções.

No período 1970-2007, verifica-se uma constante transformação na estrutura etária que desemboca em uma crescente participação do grupo de idosos na população total enquanto se reduz a participação do grupo de jovens. Neste período, a participação do grupo de idosos variou positivamente em 27,6%, passando de 5,8% a 7,4% da população total. Já o grupo de jovens variou negativamente em -27,8%, saindo de 46,1% para 33,3%.

De modo geral, as transformações na estrutura etária estão associadas aos fatores demográficos da migração, fecundidade e mortalidade, e segundo sua evolução, conduzem a um processo de envelhecimento populacional. No caso de Sergipe, a redução da fecundidade é o principal fator explicativo do processo.

Em Sergipe, a redução da mortalidade começou antes (início dos anos 1960) da queda da fecundidade, e a diminuição no período 1970-2000 contribuiu muito mais para o rejuvenescimento da população do que para o seu envelhecimento. Sabe-se que a influência da mortalidade sobre o envelhecimento populacional só é efetiva no momento em que as taxas de fecundidade já são baixas, pois é nesse momento que a redução da mortalidade contribui para aumentar a proporção de idosos na população. No caso de Sergipe, mantiveram-se por longo período altas taxas de fecundidade; desse modo, a redução da mortalidade, principalmente a infantil, beneficiou mais a população jovem.

A migração não apresenta uma importância significativa na explicação do processo de envelhecimento populacional em Sergipe. Entre 1970-2000, o Estado não foi nem grande receptor, nem tampouco grande emissor de imigrantes. Além disso, segundo as estimativas e conforme dados já apresentados acima, a migração externa não será significativa também nos próximos anos. A migração somente teve um papel mais importante no período de 1940-1960, quando o volume de imigrantes sergipanos foi significativo, atraídos pelo forte desenvolvimento industrial do sudeste do país naquele momento, contribuindo inclusive para o baixo crescimento da população total do Estado nesse período.

A migração, do ponto de vista dos movimentos internos (isto é, entre os municípios), e também do ponto de vista da relação campo-cidade, especialmente a partir da década de 1970, se configura como uma tendência contínua e, nesse caso, desempenha um papel importante na explicação da variação do envelhecimento populacional entre as diversas regiões e municípios do Estado.

Diante deste contexto, pode-se caracterizar o processo de envelhecimento populacional em Sergipe como um processo pela base, fruto da redução das taxas de fecundidade.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica populacional nas últimas décadas em Sergipe coloca em evidência transformações importantes pelas quais tem passado a população. O processo de transição demográfica tem sido acompanhado por uma transição rural urbana, por mudanças na dinâmica migratória, pela redução veloz da fecundidade e pela diminuição no ritmo de crescimento populacional nas duas últimas décadas. Todo este contexto tem desembocado em um processo de envelhecimento populacional que se caracteriza como mais atrasado, porém mais veloz, se comparado com o processo em outras regiões do país.

O processo de envelhecimento da população sergipana ainda está em uma fase inicial, porém caso sejam mantidos os determinantes desse processo – e nada indica que mudarão – o processo se intensificará nas próximas décadas. O processo é explicado principalmente a partir da queda da fecundidade, já que a mortalidade ainda desempenha um papel secundário como determinante do envelhecimento e a migração não tem sido significativa nas duas últimas décadas; além disso, as projeções não apontam grandes alterações no saldo migratório. Assim, o aumento da proporção e do número de idosos vem transformando a realidade demográfica sergipana.

No exame da realidade demográfica do Estado nesses últimos anos, o que se detecta é que os principais desafios que a sociedade sergipana já começa a enfrentar, e que deverão se intensificar, estão relacionados diretamente às transformações demográficas, o que vai requerer políticas de desenvolvimento eficientes.

A maior concentração da população nas cidades faz aumentar a demanda e os gastos com infraestrutura; o significativo aumento de idosos demandará medidas específicas de atenção social e maiores gastos com políticas de saúde. Por outro lado, esse período de transição até o envelhecimento populacional é caracterizado pelo aumento da população ativa, o que implica na

necessidade de geração de emprego e renda para um contingente grande de população; o desafio é do crescimento econômico sustentado que possa absorver essa população ativa.

Todavia, a melhor maneira de entender os números, os dados, é no seu contexto social; é aí onde se definirão as políticas e serão estabelecidas as prioridades. É preciso ter em conta que diferentes velocidades da transformação demográfica supõem também políticas diferentes para responder às demandas da população.

1. ALVES, José Eustáquio Diniz. *Questões Demográficas: Fecundidade e Gênero*. Textos para Discussão, Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Rio de Janeiro, 2004. 43pp.
2. CUNHA, José Marcos Pinto. *Redistribuição Espacial da População: Tendências e trajetória*. São Paulo em Perspectiva, 17 (3-4), São Paulo, 2003 pp 218-233.
3. FEITOSA, Cid Olival. *Reflexões Acerca do Urbano em Sergipe*. Revista Econômica do Nordeste, v.37, n° 3, Fortaleza, 2006. pp 339-355.
4. HORTA, Claudia Julia G. *Á Procura de Padrões de Mortalidade no Brasil*. CEDEPLAR UFMG. Tese de doutorado, Belo Horizonte, 2005. Vol. I
5. IBGE, Características demográficas e sócio econômicas da população, DIAD/ANEP, Rio de Janeiro, 1998.
6. _____, Censos demográficos. Rio de Janeiro, 1970, 1980, 1991 e 2000.
7. _____, Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o período 1980-2050. Revisão 2004. DYPES, GEADD, Rio de Janeiro, 2004.
8. _____, Síntese de Indicadores Sociais-1998, Departamento de População e Indicadores Sociais, Rio de Janeiro, 1999.
9. JÚNIOR, Biágio de O. M. *Perfil Econômico de Sergipe*. Banco do Nordeste do Brasil, Fortaleza, 2002.
10. LOPES, Eliano Sérgio Azevedo. Considerações sobre o panorama econômico, político e social do Estado de Sergipe. (texto de apoio, 3), 2004. Disponível em <http://www.lead.org.br/filemanager/download/123/considerPanoramaEconSE_ElianoSergio_PronordT1S3> acessado em
11. LIVI-BACCI, Massimo. *Historia mínima de la población mundial*. Ariel, Barcelona, 1999.
12. MENESES, Neilson S. *Envelhecimento populacional em Aracaju*. In: Ambiente Urbano: Visões Geográficas de Aracaju. Org. Araújo, H. et al. Editora da UFS, São Cristóvão, 2006
13. MOREIRA, Morvan de M. *Envelhecimento da População Brasileira*. Texto on line FUNDAJ, 1998. endereço internet
14. MOREIRA, Morvan de M. *Envelhecimento da população brasileira: intensidade, feminização e dependência*. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, Campinas, v.15, n.1, jan./jun. 1998, p.79-93.
15. MOURA, Hélio A. & SANTOS, Taís F., *Dinâmica Demográfica Recente dos Estados e Microrregiões do Nordeste*: FUNDAJ, Recife, 1986
16. MOURA, Hélio A. & TEIXEIRA, Pery, *As tendências Recentes do Crescimento Populacional Nordestino*: FUNDAJ, Recife, 1997.
17. NUTRAC, *Diagnóstico Sobre a Qualidade de Vida do Idoso no Estado de Sergipe*, Aracaju, 1993.
18. SANTOS, Jair L.F. LEVY, M. Stella F. SZMRECSÁNYI, Tamás (ORG.) *Dinâmica da População: Teoria, Métodos e Técnicas de Análise*, T.A Queiroz, São Paulo, 1980.
19. SANTOS, Taís de Freitas. (org.) *Dinâmica populacional das regiões Norte e Nordeste: questões atuais e emergentes*. Recife: FJN, Editora Massangana, 2000
20. SEPLANTEC/SEP. *Sergipe em Síntese*, v. 3, Aracaju, 1998.
21. UNFPA/IBGE – *Indicadores Sociodemográficos: Prospectivos para o Brasil 1991 -2030*. Projeto UNFPA/BRASIL (BRA/02/P02). Arbeit Editora e Comunicação Ltda. Rio de Janeiro, 2006.
22. VINUESA, Julio et all. *Demografía. Análisis y Proyecciones*. Editorial Síntesis, Madrid, 1997.
23. WALLACE, Paul. *El seísmo demográfico*. Siglo Veintiuno de España Editores, Madrid, 1999.
24. WONG, Laura L. Rodríguez. *A transição da fecundidade no Norte e Nordeste do Brasil*. In: SANTOS, Taís de Freitas. (org.) *Dinâmica populacional das regiões Norte e Nordeste: questões atuais e emergentes*. Recife: FJN, Editora Massangana, 2000. p. 107-138.